



P
**ARA APRENDER
COM A TERRA**
MEMÓRIAS E NOTÍCIAS
DE GEOCIÊNCIAS
NO ESPAÇO LUSÓFONO

Henriques, M. H., Andrade, A. I.,
Quinta-Ferreira, M., Lopes, F. C.,
Barata, M. T., Pena dos Reis, R.
& Machado, A.

Coordenação

PALEONTÓLOGAS DESCORTINANDO OS
DINOSSAUROS E DRAGÕES DE PEDRO BANDEIRA

PALEONTOLOGISTS UNCOVERING THE DINOSAURS
AND DRAGONS OF PEDRO BANDEIRA

L. L. M. Nogueira¹ & M. H. Hessel²

Resumo – Este trabalho analisa o livro do escritor brasileiro Pedro Bandeira intitulado *O dinossauro que fazia au-au*, publicado inicialmente em 1983. Em cerca de 100 páginas, este livro narra a história de um menino que, para ter seu dinossauro reconhecido pela sociedade, teve que disfarçá-lo de dragão. Até o final do século XIX, quando os dinossauros foram reconhecidos como tal, e meados do século XX, quando a literatura infantojuvenil se tornou acessível às grandes massas, os dragões eram soberanos no imaginário infantil, representando desafios a serem vencidos para obter um tesouro. Na era tecnológica que vivemos, os dragões cederam lugar aos dinossauros (pois sua existência pode ser cientificamente comprovada) como representantes deste arquétipo. O livro representa o anseio de toda a criança, que se percebe diferente, de ser aceita no mundo adulto. *O dinossauro que fazia au-au* apresenta um dragão, um desafio a ser vencido para que o desenvolvimento social da criança possa alcançar novos patamares. Este é o primeiro livro infantojuvenil de autor brasileiro a falar de dinossauros, apresentando informações corretas e atualizadas sobre os fósseis, e delicadamente lembrando à academia da importância de se divulgar a Paleontologia de modo acessível às crianças e jovens.

Palavras-chave – Dinossauros; Dragões; Literatura infantojuvenil; Brasil; Pedro Bandeira

Abstract – *This paper analyzes the book written by the Brazilian writer Pedro Bandeira titled 'O dinossauro que fazia au-au', published in 1983. At about 100 pages, the book tells the story of a boy who, to get his dinosaur recognized by the society, had to disguise it in a dragon. Until the end of the nineteenth century, when dinosaurs were recognized as such, and mid-twentieth century, when children's literature became accessible to large masses, the*

¹ Departamento de Geologia, UFC, Fortaleza; bolsista da CAPES; lanaluizamaia@hotmail.com

² Departamento de Geologia, UFC, Fortaleza; bolsista da FUNCAP; mhessel@gmail.com

dragons were sovereign in the children's imagination, representing the challenges to be overcome to obtain a treasure. In our technological age, the dragons gave rise to dinosaurs (their existence can be scientifically proven) as representatives of this archetype. The book presents the longing of every child who perceives differently to be accepted into the adult world. This is the first book of children's fiction about dinosaurs from a Brazilian writer, showing correct and up to date information about the fossils, and gently reminding the academy of the importance of disseminating the Paleontology accessible to children and young people.

Keywords – Dinosaurs; Dragons; Children's literature; Brazil; Pedro Bandeira

1 – Introdução

O encanto infantil por histórias de dinossauros e dragões é conhecido de sobejo. A imaginação humana se deleita com façanhas de seres que realmente desconhece e que, por isso mesmo, permitem que sejam 'vestidos' com as mais diversas roupagens. Dinossauros e dragões são um sucesso comercial certo, quer em vitrinas, filmes, brinquedos, exposições museológicas ou projetos científicos. São monstros antediluvianos muito intrigantes, cheios de mistérios!

Na milenar cultura chinesa, 2012 é o ano do dragão, um dos doze animais do seu zodíaco. Dragões, como fruto da imaginação humana, não podem ser mais antigos do que 250 mil anos, quando surgiram primeiros representantes do *Homo sapiens* Linné 1758. Por outro lado, dinossauros, como répteis que habitaram a Terra entre 225 e 65 milhões de anos atrás, são bem mais antigos do que os dragões, que apareceram quando os dinossauros já estavam extintos. Tudo o que sabemos sobre os dinossauros se baseia em restos fossilizados, conhecidos há milhares de anos, mas só reconhecidos como pertencentes a este grupo de animais a partir de 1842. E ambos só se tornaram presentes nos livros de histórias infantojuvenis bem mais recentemente: dragões após o desenvolvimento da tecnologia tipográfica e a popularização de livros infantis, início do século XIX (OLIVEIRA, 2008), e dinossauros depois do reconhecimento de seus fósseis como répteis, de suas reconstruções e de sua divulgação para o grande público, ou seja, final do século XIX. Porém, em diferentes épocas da civilização humana e em diferentes continentes, ambos personificam o arquétipo do obstáculo a ser transposto para se tornar um herói e ser digno da recompensa social ou do reconhecimento acadêmico. Desvendar o verdadeiro mistério escondido por traz das asas do dragão, ou das ossadas de um dinossauro, é um feito para poucos...

Dinossauros e dragões se encontram na literatura infantojuvenil de ainda hoje, povoando o imaginário de inúmeras crianças e adolescentes que têm o privilégio de ler ou ouvir suas histórias fantásticas. No Brasil, há quase meia centena de livros sobre estes temas escritos por autores nacionais, todos surgidos depois de 1948, ainda que a grande maioria tenha sido publicada nas duas últimas décadas. O livro-objeto do presente trabalho, *O dinossauro que fazia au-au*, é de autoria do escritor brasileiro Pedro Bandeira e saiu a lume em 1983. Em cerca de 100 páginas, ele narra a interessante história de um menino que, para ter seu dinossauro reconhecido pela sociedade, teve que disfarçá-lo de dragão. De modo geral, livros infantojuvenis são analisados sob a perspectiva literária, didática, social ou psicológica, mas aqui queremos

analisá-lo também sob a ótica paleontológica. Não se trata de confrontar o pensamento mágico com o pensamento racional, mas de analisar como as questões paleontológicas são passadas aos pequenos.

2 – Dinossauros *versus* Dragões

Os dinossauros, quando surgiram, tinham o corpo coberto por escamas. Não sabemos exatamente de que cor eles eram ou que padrão pigmentar possuíam. Todos tinham caudas musculosas e quatro patas, ainda que uns possuíssem as anteriores muito reduzidas. Não podiam nadar nem tampouco voar. Algumas das quase mil espécies hoje conhecidas chegaram a ter 30 m de comprimento e perto de 85 toneladas (NOVELLI, 2008).

No Ocidente, a imagem mais conhecida dos dragões é oriunda de lendas celtas, germânicas e escandinavas. São tidos como seres muito grandes, com o corpo coberto por grossas escamas, uma fileira de escamas dorsais triangulares e uma longa cauda sagital. Eles soltam fogo pelas ventas e fazem tremer a Terra quando a pisam, com suas quatro pesadas patas, mas podem facilmente flutuar no ar com suas denteadas asas (AUBIER, 1991).

Os dinossauros existiram durante cerca de 160 milhões de anos na superfície da Terra, como comprovam seus fósseis preservados nas rochas. Podem ser reunidos em dois grandes grupos: os ornitísquios, com quadril similar ao das aves, e os saurísquios, com o quadril semelhante ao dos lagartos. Deste último grupo, há formas quadrúpedes e herbívoras (os sauropodomorfos), e bípedes e carnívoras (os terópodos), como *Tyrannosaurus rex* Osborn 1905. Os terópodos tinham grandes dentes, garras afiadas, membros posteriores fortes e pés com três dedos, sendo muito ferozes. Os sauropodomorfos em geral eram maiores e mais pesados, com membros anteriores mais desenvolvidos.

Nas antigas mitologias chinesas e indianas, os dragões eram formas serpenteantes, ápodas e aladas, que mantinham seu ventre cheio das águas do céu, que liberavam ocasionalmente, trazendo chuvas e boas colheitas aos humanos (ZIMMER, 1989). Os maias e astecas também cultuavam um dragão-serpente alado, que castigava ou beneficiava o povo conforme sua própria justiça. Há uma deusa dos mitos peruanos, descrita como um dragão, que zelava pela agricultura, mas que, ao andar, causava terremotos. Já os persas, gregos, germanos e celtas acreditavam em dragões quadrúpedes, que atemorizavam os homens para acumular e guardar ricos tesouros.

Restos de dinossauros foram registrados há quase 2000 anos atrás, em rochas jurássicas da China, tendo sido interpretados, na época, como ossos de dragões. Só no início do século XIX, na Inglaterra, é que ossos e dentes de animais denominados *Megalosaurus* (por Dean William Buckland em 1824) e *Iguanodon* (por Gideon Mantell em 1825) foram reconhecidos como pertencentes a um extinto grupo de grandes répteis, que teriam vivido na superfície da Terra, denominados dinossauros por Sir Richard Owen em 1842 (TORRENS, 1993). Nas duas décadas seguintes, várias reconstruções de dinossauros foram expostas no *Cristal Palace* em Londres, visando divulgar ao grande público esta descoberta de peso.

Na antiguidade, dragões eram ou seres benéficos, responsáveis pela fertilidade dos campos, ou seres maléficos, quando expressavam sua fúria através de terremotos e tempestades que destruíam suas casas, gado e plantações. Durante a Idade Média, a existência dessas criaturas era tida como inquestionável, e muitas famílias possuíam a imagem de

um dragão em seus brasões. Na atualidade, os invisíveis e inaudíveis dragões são criaturas aladas que representam o poder que os humanos gostariam de ter para usufruir dos tesouros por eles guardados (ANJOS & BERNARDEZ, 1985).

Dinossauros viviam em planícies e terrenos de vegetação mais densa, em climas tropicais ou temperados, onde andavam sozinhos ou em pequenas manadas, pastando ou emboscando suas presas (ANELLI, 2010). Por outro lado, dragões viviam e vivem em locais quase inacessíveis, nas profundezas de cavernas e lagos ou no cimo gelado das mais elevadas montanhas. Deste modo, dinossauros e dragões não dividiam os mesmos ambientes. Ou sim?

3 – O Livro

O livro em pauta, *O dinossauro que fazia au-au*, é de autoria de Pedro Bandeira de Luna Filho, professor, ator, diretor, cenógrafo, publicitário, jornalista, escritor e eventualmente ilustrador. É seu primeiro livro infantojuvenil, publicado em 1983, quando completava 41 anos de idade. Desde então, Pedro Bandeira tem se dedicado inteiramente à literatura, o que lhe rendeu inúmeros prêmios e distinções. Com mais de meia centena de obras, inclusive vertidas para o mundo cinematográfico, no Brasil é um dos escritores que mais vende livros para adolescentes (COELHO, 1995).

O dinossauro que fazia au-au surgiu com texto e desenhos do autor, e foi um livro muito bem recebido pelo público. Com 27 edições em 29 anos de existência, é até hoje bastante lido e apreciado, principalmente por ser adotado nas aulas de língua portuguesa em escolas de todo o país. Na 9ª edição, de 1987, o texto foi reformulado e as ilustrações passaram a ser elaboradas por Paulo Tenente. Em 2006, Pedro Bandeira, que publicava o livro pela Editora Moderna, passou a editá-lo pela Editora Melhoramentos, introduzindo algumas modificações no texto e contando agora com as ilustrações de Renato Moriconi. A 1ª edição indicada na publicação da Editora Melhoramentos corresponde à 27ª edição do livro.

Na primeira edição e nas sete subsequentes, há 25 curtos capítulos com simples vinhetas distribuídos por 76 páginas, três delas com uma gravura de página inteira. Os desenhos de Paulo Bandeira são simples, claros e tendem a expressar a realidade. Da 9ª edição em diante, enquanto na Editora Moderna, encontramos 87 páginas reunidas em 14 capítulos com vinhetas mais elaboradas, e dez figuras de meia página. As ilustrações de Paulo Tenente são bastante caricatas e o dinossauro é francamente fantasioso, a ponto de ter cauda em caracol e língua de tamanduá. Na edição de 2006, o livro tem 100 páginas e 15 capítulos com vinhetas padronizadas. As ilustrações, em geral, ocupam toda a página (sete) ou um terço dela (seis), com apenas duas figuras de meia-página. Assim, à medida que as edições se modernizaram, mais ilustrada ficou a obra.

O protagonista do livro *O dinossauro que fazia au-au* não é um dinossauro, e sim um menino chamado Galileu, com coadjuvantes muito presentes: um ratinho (de bolso), um papagaio palrador, um dinossauro que nasce de um ovo escondido numa caverna, e dois personagens circenses – o velho palhaço tio Beбето e a pequena bailarina Nildinha. Alguns outros personagens são identificados por suas ocupações, como o distraído guarda florestal (ou vigia na edição da Editora Melhoramentos), a funcionária que dá informações equivocadas por não ouvir o que o cliente quer, o professor preconceituoso que só fala de si e só vê o que deseja ver, o prefeito preocupado com coisas de menor

importância, os gordos fiscais burocráticos, o síndico xerife, etc. Estes personagens são caricaturais, pois personificam o antagonista, o poder instituído do mundo dos adultos, sempre ameaçador com suas regras, burocracia e saber subfossilizado.

O que move a ação do livro é o reconhecimento de um dinossauro entre humanos nos dias atuais. O ritmo, bastante rápido nas primeiras edições, torna-se mais lento a partir da 9ª edição, com a introdução de esclarecimentos que desaceleram a narrativa. A partir desta edição, o enredo fica também bem mais fantasioso, e as explicações inseridas parecem refletir contribuições de leitores e colegas nos anos de ‘vida’ do livro, como se observa quando se aborda o tempo geológico. Nas primeiras edições encontra-se ‘répteis pré-históricos desde a Era Arqueozoica (quando nem existiam organismos na face da Terra) até o início da Era Cenozoica’, o que nas edições pós-87 é corrigido para ‘répteis pré-históricos desde a Era Mesozoica’, a era dos dinossauros.

A história, nas três edições que introduzem mudanças textuais e ilustrativas, se inicia com frases bem diferentes. Na primeira versão, temos a frase ‘Galileu morava num prédio de apartamentos onde era proibido ter cachorro’, situando a trama diretamente num espaço urbano atual, onde vive o menino. Nas edições da Editora Moderna pós-87, a história se inicia com ‘Você é criança?’, tecendo considerações sobre as dificuldades inerentes esta situação. E na última edição, a primeira frase é ‘Há quase dez anos, o menino Galileu nasceu numa cidade muito pequena’, retrocedendo no tempo e mostrando que agora a vida de Galileu necessita de adaptações a um novo ambiente, a cidade grande.

O desfecho do livro também varia em cada uma destas edições. Na edição de 1983, o dinossauro acaba com uma placa no pescoço, identificando-o como um canguru, e assim podendo viver entre os humanos. Na edição de 1987 e subsequentes, na Editora Moderna, o dinossauro é aceito como um dragão que faz au-au e, deste modo, pode divertir os espectadores do grande circo humano. E na edição de 2006, onde é inserido um penúltimo capítulo, no qual as crianças, depois os velhos e finalmente todos, reconhecem que Isauro é um verdadeiro dinossauro. Daí então, a cidade ficou famosa e o velho professor de Paleontologia, cheio de empáfia, pôde anunciar sua grande descoberta, modéstia a parte...

4 – Dinossauros e Dragões no Livro

O dinossauro nasce de um ovo, como se acredita, que é descrito originalmente como grande, lisinho, roliço, branco e cheio de pintas. Isto é possível, pois ovos fósseis raramente preservam um padrão de coloração. Foi chocado com o calor solar, como se espera ocorrer com um ovo reptiliano. Por outro lado, o dinossauro nasce a partir de um ovo deixado numa caverna, hábitat por excelência dos dragões, mostrando já desde o início da história que dinossauro e dragão se confundem no imaginário infantil e de muitos adultos. Para tanto, basta lembrar que restos de dinossauros, pioneiramente encontrados na China, foram interpretados pelos cientistas da época como ossos de dragões.

Ao romper-se, o ovo mostrou primeiro a cauda, uma estratégia para produzir suspense, pois em geral é a cabeça que rompe os ovos. A cauda era alaranjada e roliça e, nas edições pré-2006, cheia de escamas. Ainda nessas edições, é explicado que dinossauros têm escamas e não pelos, e que as aves descendem de dinossauros. Na edição mais recente, estes detalhes morfológicos e evolutivos foram omitidos, talvez em consideração a novas

descobertas paleontológicas que indicam que muitos dinossauros eram cobertos por penas, mormente os bípedes, como é o caso do dinossauro Isauro. O ovo ficara guardado dentro das rochas durante milhões de anos, como convém a um fóssil. Nos desenhos de Pedro Bandeira, o dinossauro tem uma cauda musculosa típica destes organismos, mas a partir da 9ª edição, as ilustrações de Paulo Tenente trazem uma cauda serpenteante (como são as caudas de dragões) ou em caracol, muito inverosímil. Renato Moriconi adota uma cauda sauomorfa, porém listada, como a camisa que veste o menino Galileu, buscando uma identificação entre ambos, como se um fosse a extensão do outro.

Dinossauro, explica Galileu, era ‘um bicho grande que sumiu da face da Terra há milhões de anos’, uma definição um tanto generalista, mas que remete a tempos pré-humanos, sinalizando a ocorrência de um evento difícil de acreditar. O dinossauro é alaranjado ou cor-de-laranja, sem qualquer padrão pigmentar, a cor das cenouras que ele come. É corretamente identificado como pertencente ao grupo dos répteis e descrito como um saurísquio terópodo, bípede e carnívoro (como *Tyrannosaurus rex*). Seria um filhote de tiranossauro, do tamanho de um homem adulto, conforme as edições pós-87. Tinha cabeça, boca e abdômen enormes, membros posteriores fortes e anteriores pequenos. Entretanto, diante da possível ferocidade do animal, o narrador ameniza a personagem, descrevendo-o com uma carantonha simpática e olhos tímidos. Os terópodos eram carnívoros, mas Isauro, além de viver entre humanos, era saudavelmente herbívoro: comia cenouras e sementes de girassol, e bebia limonada. Assim, é ilustrado sem garras ou dentes afiados, mostrando uma índole benevolente, como um cachorro de estimação, que ladra, mas não morde. Aliás, este temperamento amigável o permite fazer au-au, pois, como justifica Nildinha, ‘a gente não sabe como era o som que eles emitiam’.

Com dificuldade para que as pessoas reconheçam sua grande descoberta (um dinossauro novinho em folha), o menino Galileu o leva a uma universidade de sua cidade, pois ouvira falar que ‘lá tem uma porção de professores que passa a vida inteira estudando ossos de dinossauro’ (edições da Editora Moderna). Esta é uma afirmativa que corresponde ao imaginário social alimentado pelas constantes notícias sobre dinossauros veiculadas pela mídia, mas que está muito longe da realidade brasileira, onde a maioria dos paleontólogos universitários trabalha só com seus alunos, e muito poucos se dedicam ao estudo dos dinossauros. Ao chegar à universidade, o menino passa por estudantes desatentos pensando como encontrar um ‘professor de dinossauro’ (ainda que dinossauro não vá à escola!) e que talvez ele seja um professor de dinossaurologia. Então, Galileu sabe que o sufixo ‘logia’ significa algo relacionado a estudo, conhecimento. Porém, mais tarde na história, nas edições pós-87, insiste em nomear ‘Paleo-não-sei-o-quê’, num inexplicável ataque de amnésia.

Muito simpaticamente, o narrador diz que ‘a porta da Paleontologia estava aberta’ como a maioria dos paleontólogos sonha ser a porta de entrada desta intrigante ciência dos organismos que viveram antes de nós, deixando tão poucos vestígios para desvendar outras vidas, outros mundos. Depois, sinaliza que este é um mundo tão vasto, que abrange um tempo tão incomensurável, que os paleontólogos pesquisadores precisam se especializar em épocas e grupos de organismos. O professor de Paleontologia é um personagem muito caricato: um velho senhor de avental branco e óculos pequenos, careca (nas representações dos três ilustradores), com uma pilha de livros e um saber petrificado, que procura disfarçar com seu ar arrogante e comportamento aloprado.

Depois da 9ª edição, no desfecho do livro, há mais comentários sobre professores de Paleontologia (nomeados professores de Paleo-não-sei-o-quê), insistindo em seu conhecimento fossilizado, pouco humilde, descolado da realidade. De certa forma, isto reflete a distância que a Paleontologia tem hoje do cotidiano das pessoas no Brasil, diferentemente do que ocorre com a Informática, a Biologia e outras ciências, cujos objetos de estudo mudam o futuro de vidas humanas.

Ao descrever o Cretáceo, um período do tempo geológico no qual os dinossauros viveram, o professor narra cenas da vida dos tiranossaurídeos, grupo ao qual pertence o réptil da história. A partir da 9ª edição, detalha cinematograficamente estas cenas: ‘Que paz, que amplitude naqueles pântanos, até que algum réptil gigantesco, carnívoro, louco de fome, chegasse repentinamente com um apetite insaciável! Ah! Ossos partindo-se, carnes e cartilagens dilacerando-se sob a ação daquelas mandíbulas assassinas! O sangue gelado dos grandes lagartos jorrando para todos os lados!’ Infelizmente dinossauros não eram lagartos e nem tinham sangue gelado. Mas dragões, sim! Ou não?

Quando o menino Galileu e seus amiguinhos vão embora da universidade, o velho professor vê as pegadas de dinossauro deixadas por Isauro e diz ser isto uma descoberta digna de causar inveja a seus pares da academia. A partir da 9ª edição, o narrador explica corretamente como estas pegadas se formam (os icnofósseis). Também há ilustrações delas a partir de 1987: nas edições da Editora Moderna parecem pegadas de ursos e na edição da Melhoramentos, é nitidamente humanóide. Podem melhorar...

Para disfarçar o dinossauro em dragão, uma fileira de bandeirolas triangulares em feltro vermelho é colada em suas costas e dois espanadores coloridos são presos na cabeça para fazer as orelhas, coisa que dinossauro não tem. A partir da 9ª edição, são acrescentados dois leques nas costas do dinossauro à guisa de asas, são substituídas as escamas dorsais de feltro por esbranquiçadas conchas de moluscos, e seu corpo é pintado de vermelho com círculos coloridos. Para finalizar a fantasia de dragão, é colocada em sua cabeça uma pequena coroa de lata, sinalizando agora que ele ‘é um tiranossauró-rei’ (como o *Tyrannosaurus rex*, seu ‘primo’), um dinossauro! Ao transformar o dinossauro em dragão, ficam bastante claras suas diferenças: o último tem orelhas, asas e escamas dorsais. De resto, é tudo quase igual. O colorido pouca diferença faz, pois o dinossauro da história já é cor-de-cenoura, uma cor tão presente no fogo como o vermelho, ambas remetendo a tradicional imagem dos dragões.

A grande questão colocada claramente no livro é: dinossauros e dragões, quem realmente existiu (ou existe)? A mãe diz que o menino deve deixar de brincadeiras e maluquices. O guarda-florestal (ou vigia) confunde-o com uma árvore esquisita. O síndico toma como ofensa pessoal, pois parece que querem fazê-lo de idiota. Os professores universitários crêem que o dinossauro é um caçador de fósseis ou um cão (faz au-au), e os passantes o tomam por um boneco de propaganda. E todos insistem que dinossauros não existem há milhões de anos. Só as crianças e palhaços (ou talvez quem tenha um pensamento infantil ou gaiato) aceitam tranquilamente a existência de um dinossauro vivo hoje em dia, pois sabem que ‘nada é impossível para sempre’, que ‘um sonho pode se tornar realidade’, e que ‘um dinossauro ainda pode existir!’ Mas dragões são inquestionáveis: existem! Isto o prova o ‘Esquadrão Caça-dragão’, criado por circunspectos cidadãos da prefeitura local, diante da real ameaça que a cidade se vê envolvida.

5 – Considerações finais

40

Dinossauros e dragões fazem parte do imaginário de toda a criança e, por consequência, dos adultos em que depois se tornam. Porém, as crianças e adolescentes são fascinadas pelo poder que eles representam (MELLON, 2006), decorando impronunciáveis nomes de dezenas de dinossauros e descrevendo em detalhe seus mais incríveis comportamentos. Até o final do século XIX, quando os dinossauros foram reconhecidos e descritos como tal, e até mais tarde, em meados do século XX, quando a literatura infantojuvenil se tornou acessível às grandes massas, os dragões eram soberanos no imaginário infantil dos contos de fada, representando desafios a serem vencidos para obter as riquezas defendidas por estes fantásticos guardiões. Na era tecnológica que hoje vivemos, os dragões cederam lugar aos dinossauros, cuja existência pode ser comprovada cientificamente (ao contrário dos dragões), como representantes do arquétipo desafiador que, como todo o arquétipo, é fascinante e poderoso.

Como todo o livro que ultrapassa gerações depois de escrito, *O dinossauro que fazia au-au* de Pedro Bandeira, com suas 27 edições e milhares de exemplares lidos, traz uma verdade capaz de satisfazer à inquietação infantil, uma resposta ao anseio de toda a criança que se sente diferente de ser aceita e reconhecida no mundo civilizado. Galileu é, na sua própria forma de dizer, um ‘narigador’, um menino curioso que não tem amigos, só bichinhos de estimação: um rato que faz cuim, um dinossauro que faz au-au e um papagaio que fala pelos cotovelos. À medida que outros personagens humanos reconhecem seu dinossauro ou aceitam seu jeito de ser ‘narigador’ (uma ameaça pacífica, como é o dinossauro Isauo), ele desenvolve amizades, como com Nildinha e tio Beбето, com quem, no desfecho do livro, vai viajar e descobrir novos mundos. A identidade de Galileu com o dinossauro é captada de modo esplendoroso por Renato Moriconi, que os ilustra com camiseta e cauda listradas de igual forma. O dinossauro que faz au-au na verdade é um dragão, um desafio a ser vencido para que o desenvolvimento da criança possa ocorrer de modo satisfatório, para que ela possa alcançar novos patamares em sua convivência social. Embora esta história seja irreal, não é falsa, pois retrata de forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento, como já salientou MELLON (2006), ao comentar os contos de fada.

As três edições que introduzem mudanças textuais e ilustrativas se iniciam e terminam de diferente forma, mas sem perder a essência da obra. Na primeira versão, de 1983, a frase inicial remete diretamente à questão subjacente, pois onde Galileu mora é proibido ter cachorro, ou seja, é proibido ter algo fora da norma do prédio. No final, o dinossauro acaba com uma placa que o identifica como um canguru, e com este rótulo de disfarce é aceito pela sociedade humana, mesmo continuando a ser o dinossauro de sempre. Nas edições depois de 1987, na Editora Moderna, a história se inicia tecendo considerações sobre a questão de ser criança num mundo de adultos. No desfecho, o dinossauro é aceito como um dragão que faz au-au, um ser quase inexistente e que, por isto mesmo, traz poucas ameaças à sociedade, como um menino curioso. E na última versão, de 2006, a primeira frase lembra que Galileu é pequeno, que veio de uma cidade pequena, e que, portanto, não está adaptado à realidade de um grande centro civilizado, de gente grande. Ao término do livro todos reconhecem o dinossauro entre eles e passam a conviver com esta nova realidade.

O dinossauro que fazia au-au é o primeiro livro infantojuvenil de autor brasileiro a falar de dinossauros. Esta é uma imensa dívida que toda a sociedade de paleontólogos brasileiros tem com Pedro Bandeira que, sem ser paleontólogo, trouxe para o mundo infantil e adolescente,

o vislumbre de outras vidas ainda presentes em nossas vidas. E Pedro Bandeira soube fazer isso com maestria, com leveza e humor, típicos dos grandes autores, tão grandes como os dinossauros o foram. As informações sobre os fósseis são verdadeiras e permanecem atualizadas depois de muitos anos, às vezes por pequenas mudanças que o autor introduziu no texto.

O livro também lembra delicadamente a todos nós, paleontólogos, da importância de divulgar em livros infantojuvenis as descobertas e reconstruções destes mundos passados que tão poucos cientistas estão capacitados para desvendar. A crítica sobre os petrificados professores de Paleontologia é absolutamente válida, um alerta para que deixemos nossas limitantes lupas de mão e abramos os olhos para um mundo maior, o mundo habitado por todos os humanos. Um mundo que não é nosso, porque passaremos como os dinossauros passaram, mas é o mundo no qual vivemos, o mundo no qual sonhamos.. com dragões e dinossauros.

6 – Conclusões

Através da análise das diversas edições da obra infantojuvenil do escritor brasileiro Pedro Bandeira intitulada *O dinossauro que fazia au-au*, que surgiu em 1983 e teve duas grandes mudanças textuais e ilustrativas (nas edições de 1987 e de 2006), podemos sintetizar as seguintes principais conclusões:

- a) Como as obras que ultrapassam gerações, o livro trata do anseio de toda a criança, que se sente diferente, de ser aceita e reconhecida pelo mundo adulto e civilizado, mostrando grande identidade entre o menino Galileu e seu dinossauro, observada até nas ilustrações mais recentes. O dinossauro que faz au-au representa um dragão, um desafio a ser vencido para que a criança possa alcançar novos patamares em sua convivência social.
- b) As três edições que introduzem mudanças textuais e ilustrativas se iniciam e terminam de diferente forma, mas sem perder a essência da obra, da inadequação infantil no mundo adulto para diferentes formas de acomodação social: pelo disfarce para não ser visto, por ser inofensivo à sociedade ou por simples aceitação da realidade.
- c) *O dinossauro que fazia au-au* é o primeiro livro infantojuvenil de autor brasileiro a falar de dinossauros, apresentando corretas e atualizadas informações sobre os fósseis, lembrando à academia da importância de se divulgar a Paleontologia de modo acessível às crianças e jovens.

Agradecimentos – Nossos melhores agradecimentos à Dra. Rosa Maria Hessel Silveira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre) pela ajuda bibliográfica e diversas sugestões de melhoria.

Bibliografia Ativa

BANDEIRA, P. (1983) – *O dinossauro que fazia au-au*. 1ª ed., ilustrações de Pedro Bandeira. Moderna, São Paulo, 78 p.

- BANDEIRA, P. (1987) – O dinossauro que fazia au-au. 9ª ed., ilustrações de Paulo Tenente. Moderna, São Paulo, 87 p.
- BANDEIRA, P. (2006) – O dinossauro que fazia au-au. 1ª ed., ilustrações de Renato Moriconi. Melhoramentos, São Paulo, 100 p.

Referências Bibliográficas

- ANELLI, L. E. (2010) – *O guia completo dos dinossauros do Brasil*. Peirópolis, São Paulo, 222 p.
- ANJOS, E. S. & BERNARDEZ, A. A. (1985) – *O mundo do faz-de-conta*. 2ª ed., Shogun Arte, Rio de Janeiro, 195 p.
- AUBIER, C. (1991) – *Dragão*. Pensamento, Rio de Janeiro, 128 p.
- COELHO, N. N. (1995) – *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos 19 e 20*. 4ª ed., EDUSP, São Paulo, 1340 p.
- MELLON, N. (2006) – *A arte de contar histórias*. Rocco, Rio de Janeiro, 249 p.
- NOVELI, L. (2008) – *Darwin e a verdadeira história dos dinossauros*. Ciranda Cultural, São Paulo, 111 p.
- OLIVEIRA, I. (org.) (2008) – *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o ilustrador*. Difusão Cultural do Livro, São Paulo, 213 p.
- TORRENS, H. S. (1993) – *Quando o dinossauro foi batizado?* Cadernos IG [Unicamp], 3, p. 119-125.
- ZIMMER, H. (1989) – *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*. Palas Athena, São Paulo, 234 p.